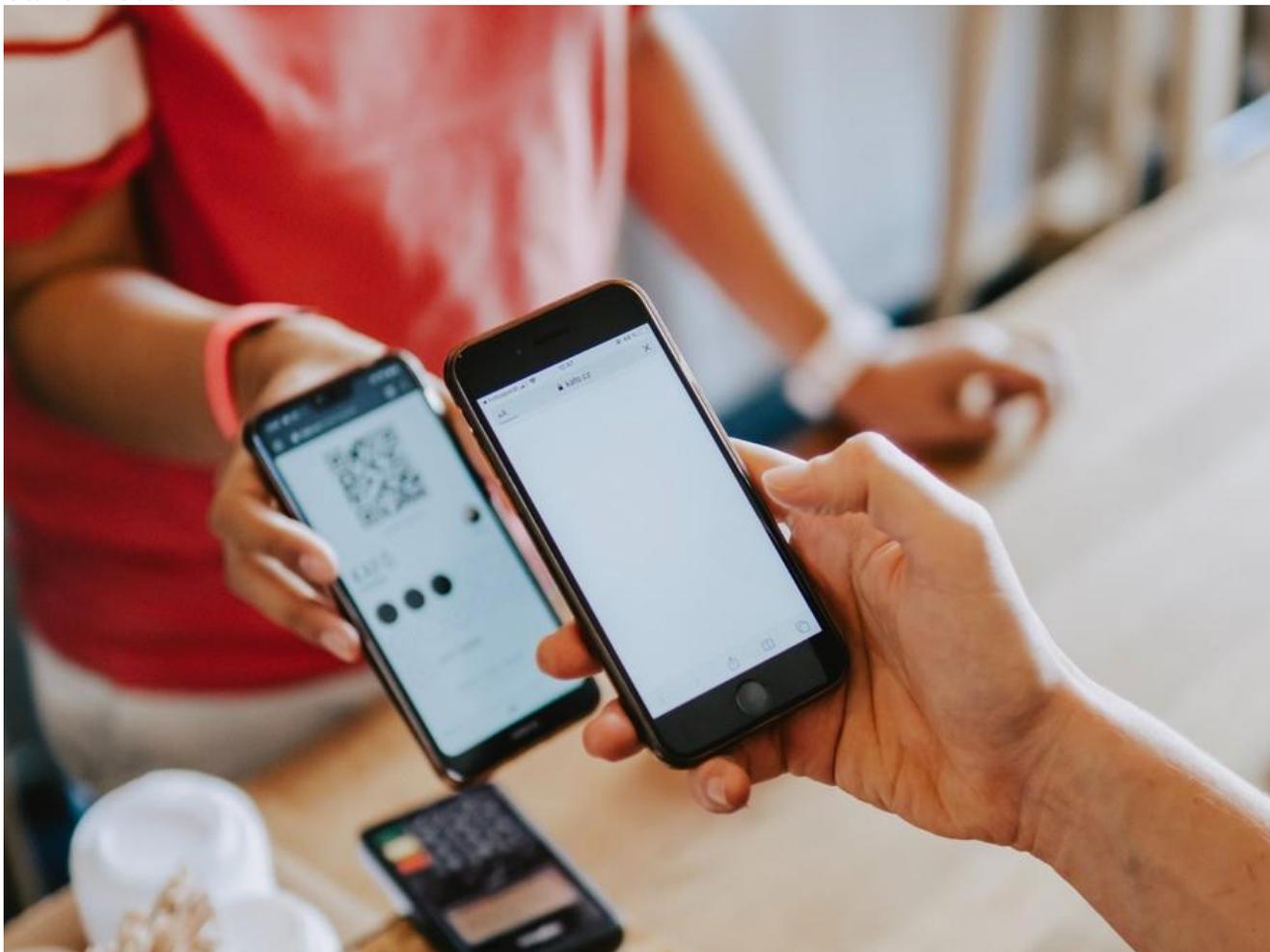


Fiz um Pix errado. E agora?

Como toda nova tecnologia, é importante se familiarizar com a ferramenta para não cometer erros. Confira o que você pode fazer quando realizar um Pix errado

Por Álvaro Campos, Valor — São Paulo
17/09/2021 06h01 Atualizado há 4 horas



David Dvořáček/Unsplash

O **Pix**, sistema de pagamentos instantâneos do **Banco Central (BC)**, tornou-se bastante pop no Brasil. A facilidade no uso e o fato de ser sem custo justificam a sua popularidade. Entretanto, como toda nova **tecnologia**, é importante se familiarizar com a **ferramenta** para não cometer **erros**.

O **Valor** conversou com especialistas, e um ponto ressaltado por todos eles é que as **transferências** feitas pelo Pix, por serem instantâneas, são impossíveis de serem **ressarcidas**. Muitos golpistas, inclusive, usam chaves aleatórias e ligadas a contas abertas com documentos falsos ou de “laranjas”.

Uma das dicas é, se possível, comunicar o banco da conta de destino logo após a transferência. Isso não fará o dinheiro ser devolvido, mas pode ajudar a identificar as contas usadas nesse tipo de crime.

Luiz Augusto D’Urso, advogado especialista em Direito Digital e presidente da Comissão Nacional de Cibercrimes da Associação Brasileira dos Advogados Criminalistas, aponta que já existem alguns casos de pessoas que caíram no **golpe do Pix** e processaram o banco receptor, alegando que a instituição foi informada do crime logo após o ocorrido e não fez nada. “Algumas vítimas conseguiram condenações na esfera cível, para receber **indenizações**”, conta.

O especialista em inovação Arthur Igreja também orienta a não deixar recursos abundantes disponíveis em **conta corrente** e diz que o Pix não deve ser usado de maneira indiscriminada. “A pessoa tem que se ambientar, fazer primeiro pequenas transações, com amigos, para ir se acostumando, conhecendo a tecnologia. Não dá para sair usando em absolutamente tudo”.

Thaís Cíntia Cárnio, especialista em Banking e professora de Direito das Relações Econômicas Internacionais da Universidade Presbiteriana Mackenzie, aponta que o Pix foi bem divulgado pelos bancos, mas diz que eles poderiam reforçar ao cliente a possibilidade de reduzir os **limites de transferência**, o que, em caso de **sequestro relâmpago**, por exemplo, limita os recursos que a pessoa pode perder.

“O Pix é uma inovação maravilhosa. O triste é o fato de sermos tolhidos da utilização plena de alguns recursos pela falta de segurança pública. Deveria haver um maior esforço de educação financeira, por parte de todos os envolvidos, e uma atenção especial para os idosos, que muitas vezes são alvos desse tipo de golpe”, afirma.
